

**A QUEERIFICAÇÃO DOS CORPOS EM *ACENOS E AFAGOS*, DE JOÃO
GILBERTO NOLL, E EM “O HOMEM-MULHER II”, DE SÉRGIO
SANT’ANNA**

Fabiana Gomes de Assis¹ (UFAL)

Resumo:

Objetivo, neste artigo, refletir sobre a construção dos corpos nas narrativas *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, e “O homem-mulher II” (2014), de Sérgio Sant’anna, tendo em vista o caráter oscilatório do gênero em sua expressão binária. Nos textos analisados, podemos entrever outras possibilidades de “ser” que sugerem uma noção de “humano” mais aberta e justa. Os corpos ficcionais construídos no espaço do romance e do conto em questão operam abalos numa estrutura de pensamento que é desde sempre naturalizada ao pressupor o “feminino” e o “masculino” de forma segregada e única. Esse tipo de questionamento é um dos que motivaram muitas pensadoras feministas e, posteriormente, teóricas/os dos Estudos *queer*, como é o caso de Annamarie Jagose (2010), Monique Wittig (1990), Judith Butler (2004), Teresa de Lauretis (1994), Donna Haraway (1991) e Beatriz Preciado (2011), que fazem parte do arcabouço teórico deste artigo; em paralelo com as discussões empreendidas pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guatarri (1996). Sob o ponto de vista tomado, a problematização dos corpos, nas narrativas analisadas, dá-se via uma queerificação do pensamento que nos torna sujeitos inteligíveis e coerentes. Em outras palavras, sugere que há um além-gênero, no sentido de abraçar outros modos de existência.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Queer. Literatura.

O corpo é um dos produtos mais controversos do pensamento filosófico ocidental. Dentro da configuração de um sistema binário que compreende pares opostos, seu lugar foi historicamente construído nos termos da passividade, enquanto a mente

¹ Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras (FALE). Email: deassis.fabianagomes@gmail.com.

exercia todo o protagonismo. Correlato de pares como imanência/transcendência, feminino/masculino, corpo/mente também sugere uma relação hierárquica dos termos, em que haverá sempre o lado dominante e o dominado. O questionamento que se faz acerca desse lugar secundário e subalterno do corpo na construção binária do pensamento tem em vista, assim, resgatá-lo desse abismo teórico-crítico, na tentativa de repensá-lo sob uma nova ótica, considerando que ele não é puramente um receptáculo que assimila as normas sociais, mas uma instância com potencialidades transformativas incapazes de serem medidas.

Proponho um movimento que conecte passado, presente e futuro, no sentido de problematizar concepções cristalizadas acerca do que nos constitui como corpos humanos e direcionar o olhar para um horizonte possível em que a transformação do conhecimento se torna necessária. A emergência dos novos modos de realidade em que o “ser” possa dar conta de um número maior de indivíduos é cada vez mais expressiva e é por esse viés que a “queerificação” do pensamento se faz inevitável como instrumento discursivo que viabiliza quebras de paradigmas segregacionistas e desumanos ao mesmo tempo em que abre espaço para se pensar numa reestruturação das sociedades. A consequência é o surgimento de novas tessituras possíveis do “humano” que apontam, sobretudo na contemporaneidade, para a necessidade de mantermos essa noção em aberto. As potencialidades dos corpos são inesgotáveis e é precisamente por meio desse aspecto que o não rotulável e até monstruoso, para algumas pessoas, ganha força e importância político-simbólica.

Esse questionamento acerca do que nos constitui como “humanos” é um dos muitos que permeiam o pensamento de Judith Butler. Já nas primeiras páginas do seu livro *Undoing gender* (2004), a autora afirma:

O humano é entendido diferencialmente dependendo da sua raça, da legibilidade dessa raça, da sua morfologia, do reconhecimento dessa morfologia, do seu sexo, da verificabilidade perceptual desse sexo, da sua etnia, do entendimento categórico dessa etnia. Certos humanos são reconhecidos como menos do que humanos e essa forma de reconhecimento qualificado não conduz a uma vida viável. Certos humanos não são reconhecidos, de qualquer modo, como humanos e isso conduz ainda a outra ordem de vida inviável. (BUTLER, 2004, p. 2)²

² Original: “The human is understood differentially depending on its race, the legibility of that race, its morphology, the recognizability of that morphology, its sex, the perceptual verifiability of that sex, its ethnicity, the categorical understanding of that ethnicity. Certain humans are recognized as less than

O sentido do “ser humano” parece ser definido, assim, a partir do modo como alguns aspectos (raça morfologia, sexo, etnicidade) são julgados culturalmente (legibilidade, reconhecimento, verificabilidade, entendimento), de modo que se dá uma hierarquização e segregação das vidas, entre as que são viáveis e as que não são. Butler, no entanto, não foi a primeira pensadora a refletir sobre essa questão. Wittig, em seu ensaio “Homo Sum” (1990), já se referia ao problema da construção ocidental que privilegia apenas uma parcela de sujeitos:

O que tem sido até agora considerado “humano” em nossa filosofia Ocidental, por toda sua pretensão de ser universal, incide apenas em uma minoria de pessoas: homens brancos, proprietários dos meios de produção, que, juntamente com os filósofos, teorizaram seus pontos de vista como os únicos e exclusivos possíveis. Essa é a razão pela qual quando nós consideramos abstratamente, a partir de um ponto de vista filosófico, a virtualidade e a potencialidade da humanidade, nós precisamos fazer isso de um ponto de vista oblíquo, para ver claramente. (1990, p. 46)³

Como podemos constatar, a partir das leituras de Butler e Wittig, a noção de “humano” está diretamente relacionada à de gênero, na medida em que nos reconhecermos como “mulheres” ou “homens” implica em termos consciência da nossa condição de seres vivos. Tendo em vista que esses dois lados da moeda são pensados nos moldes de uma “heterossexualidade compulsória”, para citar Rich (1980), a não identificação completa de certos indivíduos com essas categorias produz um excedente que tem sua realidade social negligenciada. Dá-se uma desrealização de “gays”, “lésbicas” e, sobretudo, dos corpos “transgêneros”, de modo que o status de “humano”, ou, em termos butlerianos, “a questão de quem e o quê é considerado real e verdadeiro é

human, and that form of qualified recognition does not lead to a viable life. Certain humans are not recognized as human at all, and that leads to yet another order of unlivable life.”

³ Original: “For indeed, for all its pretension to being universal, what has been until now considered “human” in our Western philosophy concerns only a small fringe of people: white men, proprietors of the means of production, along with the philosophers who theorized their point of view as the only and exclusively possible one. This is the reason why when we consider abstractly, from a philosophical point of view, the potentiality and virtuality of humanness, we need to do it, to see clearly, from an oblique point of view.”

aparentemente uma questão de conhecimento. Mas é também, como evidencia Michel Foucault, uma questão de poder”⁴ (BUTLER, 2004, p. 27).

Quando Wittig nos fala, do seu ponto de vista materialista, da necessidade de se abolir as categorias “homem” e “mulher”, ela está se referindo ao modo como essas instâncias estão nas bases de um sistema opressor caracterizado como “the straight mind”. Para ela, a heterossexualidade e todos os códigos que a compõem não é uma instituição, mas um regime político que se apropria das mulheres e baseia-se na primazia da diferença (sexual) como um dado natural. A existência de um “outro” subalternizado se torna o pilar desse pensamento “straight”, no qual os papéis desempenhados por cada ser humano é desde sempre gendrado. Segundo a autora, a sociedade heterossexual “não apenas oprime lésbicas e homens gays, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas/os aquelas/es que estão na posição de dominada/o”⁵ (p. 29). Assim, ter uma existência social reconhecida implica assimilar os discursos de gênero produzidos pelos diversos tipos de tecnologias, como sugere De Lauretis em “Technologies of gender” (1987).

Uma saída discursiva para essa polarização nos é oferecida por Preciado e sua noção de “multidão *queer*”. Segundo o autor, essa ideia marcaria uma reviravolta epistemológica que opera uma desontologização do sujeito da política de identidades, por meio da necessidade de uma rearticulação dos saberes e consiste na “multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais” [...]” (PRECIADO, 2011, p. 16). A metáfora da multidão é um importante instrumento discursivo que permite pensar sobre a diversidade de subjetividades dissidentes, bem como a necessidade da criação de condições reais para o exercício satisfatório de suas enunciações. Esta noção abala a ideia de gênero que comporta a construção de corpos *straight* e talvez seja a promessa de uma política menos segregacionista.

Já para Donna Haraway, em “A manifesto for cyborgs: science, technology and socialist feminism in the 1980s”, seria nos termos de uma política ciborguiana que se daria uma quebra total das fronteiras entre o “humano” e outros tipos de morfologias, bem como a esperança de um mundo sem gênero que, nas palavras da autora, seria “um

⁴ Original: “The question of who and what is considered real and true is apparently a question of knowledge. But it is also, as Michel Foucault makes plain, a question of power”.

⁵ Original: “heterosexual society is the society which not only oppresses lesbians and gay men, it oppresses many different/others, it oppresses all women and many categories of men, all those who are in the position of the dominated”.

mundo sem gênese, mas talvez também um mundo sem fim”⁶ (HARAWAY, 1991, p. 150). A imagem do ciborgue traz à tona o híbrido como possibilidade para um “eu” parcial, fraturado, em sociedades que necessitam de regeneração discursiva e da inclusão de um novo sonho que, segundo Haraway, é “o sonho utópico da esperança por um mundo monstruoso sem gênero”⁷ (1991, p. 181).

Dos corpos ficcionais

À luz da concepção calviniana de que “a literatura é necessária à política em primeiro lugar quando ela dá voz àquilo que não tem voz [...]” (CALVINO, 2009, p. 345), além de problematizar, por meio de recursos específicos, muitas das construções culturais já dadas, é possível olhar textos ficcionais de uma forma menos inocente.

Tomando como ponto de confluência o contexto contemporâneo de produção dos corpos em que é cada vez mais problematizada a moldura binária dos gêneros, o romance *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, e o conto “O homem-mulher II” (2014), de Sérgio Sant’anna, parecem dialogar estreitamente à medida que trazem à tona sujeitos historicamente silenciados. Em ambas as narrativas, as personagens emergem em dissonância à construção binária que falei anteriormente e apontam para esse abalo das fronteiras culturalmente cristalizadas, que tem sido bastante teorizado por muitas/os teóricas/o dos Estudos *queer* e feministas, como vimos.

O romance *Acenos e afagos* (2008), do escritor gaúcho, está organizado em um único e longo parágrafo narrado em fluxo por um narrador-personagem que está em trânsito constante, seja no que diz respeito a seu deslocamento no espaço, ou em relação a sua própria identidade. Somos postas/os diante de um sujeito em metamorfose pelo poder transformativo da potência-linguagem, ou melhor, da potência da linguagem enquanto corpo, que se inscreve aos poucos nos signos do não representável:

Toquei novamente no meu púbis e constatei o pior: parecia que eu perdera os pontos cardeais da genitália. Em lugar deles verificava que onde eu costumava encontrar o meu pau e saco, percebia agora um terreno pantanoso aqui, alagado ali, um campo sem terra firme ou saliências, sem vestígios do que outrora compunha a minha zona erógena. Aí relaxei debaixo dele e disse baixinho, seja o que a infâmia quiser, e então me dei por resignado. Abri as pernas como uma

⁶ Original: “which is perhaps a world without genesis, but maybe also a world without end”.

⁷ Original: “the utopian dream of the hope for a monstrous world without gender”.

mulher, cruzei os pés na área lombar dele, e comecei a estudar o que eu realmente sentia com suas investidas. (NOLL, 2008, p. 143)

Embora possamos questionar os resquícios claros de binarismo e essencialismo expressos pela ideia de que há um jeito natural de abrir as pernas próprio das mulheres, ou pela reiteração de um suposto lugar resignado que lhes caberia, há, por outro lado, uma transgressão em curso que dilui essas mesmas fronteiras e coloca a personagem num entre-lugar. Observemos o trecho seguinte:

Não que eu já tivesse uma vagina, mas na região pélvica um certo rumor côncavo se fazia ouvir, lembrava uma caldeira preparando a solução para meu novo foco de deleite, alguma coisa como um chamamento noturno, subterrâneo, embora ainda até certo ponto indeciso. Me sentia em transição. Não era mais homem sem me encarnar no papel de mulher. Eu flutuava, sem o peso das determinações. (NOLL, 2008, p. 145)

Como se pode notar, o narrador-personagem gradativamente sai do pólo que o concebia como um corpo-homem, mas não chega a se constituir em seu oposto cultural, o corpo-mulher. Nesse percurso, seu lugar é onde não há o peso das determinações normativas. Se pensarmos que os sujeitos são construídos e legitimados dentro de uma cadeia de normas de exclusão que produz, por sua vez, outros indivíduos cujas vidas não são sequer pensadas, observaremos, então, como a obra *Acenos e afagos* joga teatralmente com os papéis culturais que homens e mulheres encenam em sociedade. Estamos diante de um/a narrador/a protagonista que rompe com o “domínio do sujeito” ao se configurar como um corpo abjeto que, no entanto, tem o poder sobre o relato. Essa inversão da “ordem” hegemônica de uma matriz heterossexual simboliza, assim, o poder que o discurso literário tem em provocar leitoras/es em suas verdades, fazendo-nos mergulhar numa nova lógica, verossímil. O híbrido surge como um campo aberto a possibilidades e o corpo-linguagem-identidade, dentro desse contexto, como uma categoria de ressignificação e ruptura. O corpo abjeto que ganha voz em *Acenos e afagos* entra em cena e mostra-nos, sob os recursos narrativos do discurso literário, que identidades alternativas também são corpos-linguagem e, por assim dizer, vidas.

Poderíamos concebê-lo também como um corpo sem órgãos, a partir de uma perspectiva de Deleuze e Guattari. Em seu emblemático texto “Como criar para si um corpo sem órgãos” (1996), os autores partem de uma ideia veiculada na peça radiofônica do poeta, dramaturgo e ator francês Antonin Artaud, intitulada “Para acabar

com o juízo de Deus” e proferida em 1947, em que ele declara guerra aos órgãos. A partir de uma perspectiva declaradamente antipsicanalista, Deleuze e Guattari tocam em pontos simpáticos às questões que venho refletindo, sobretudo no que diz respeito ao desejo e como este pode ser pensado para além da ideia de falta. À prática interpretativa da psicanálise, eles opõem a ideia de experimentação. Para os autores, o corpo sem órgãos está relacionado a um exercício, a uma prática e não a um conceito. Experimentação com prudência. Onde o psicanalista busca a recomposição do eu, seu reencontro, com o corpo sem órgãos, busca-se o desfazer-se. É um corpo de intensidades contrário ao organismo. Sendo assim, não se opõe aos órgãos, mas à organização sistematizada, hierarquizada, funcional deles. Desse modo, o corpo do narrador-personagem, em *Acenos e afagos*, enquanto corpo sem órgãos, opera uma quebra das fronteiras, desfaz seus contornos e constitui-se como espaço de intensidades.

No conto “O homem-mulher II” (2014), de Sant’anna, a ideia de um corpo *queer* ou “sem órgãos”, em termos deleuzianos, é explorada graficamente já no título. A fusão dos dois termos operada pelo hífen metaforiza o surgimento de um indivíduo não representável que foge dos domínios do binariamente gendrado. Narra-se, nesse conto, a história de Adamastor Magalhães e suas investidas na carreira de ator, diretor e escritor da peça *Os desesperados*, cuja ideia central é a ficcionalização das frustrações e desilusões do grupo em questão. Adotando o nome artístico Fred Wilson, mas sendo comumente chamado Zezé, o homem-mulher encontra nas companhias de Verônica Andrade ou Paulínia, Henrique Esteves ou Moncada e Carlos Alberto o elenco perfeito para por em ação sua ideia teatral.

A peça é um *work in progress*, à medida que a fluidez do roteiro é efeito da própria fluidez e imprevisibilidade da vida de seus atores. Nesse sentido, é também pura experimentação, um corpo sem órgãos, visto que é um corpo-linguagem.

O modo de ser que Zezé encarna e encena é uma alegoria das subjetividades dissidentes que não encontram espaço nos vários contextos sociais em que a noção de humano é restrita a apenas alguns grupos. Afastando-se do que poderia ser reconhecido como “andrógino”, o homem-mulher de Sant’anna condensa em seu corpo signos de ambos os gêneros. Depila o rosto e as axilas, mas mantém os pelos dos braços e das pernas. Veste-se de mulher, mas não busca modificar o tom de sua voz para se adequar a algum padrão de “feminidade”, além de ser clara também a não adequação a qualquer outro traço de “masculinidade”. É, assim, um sujeito que se localiza num entre-lugar de gênero. Observemos o excerto:

Uma tarefa que o distraía e lhe fazia bem era costurar os vestidos, fazendo-lhes as bainhas e reformando as roupas da mãe, tudo como aprendera com Os Itinerantes, mas também não deixava de ter certo charme os trajes *démodés*. Ao mesmo tempo deixando crescer os cabelos ainda mais do que na época de Claire. Até que chegou o dia em que tomou coragem e foi à rua vestido de mulher, usando vestido folgado e com alças, e foi fiel a um estilo que era não se depilar no peito visível, nos braços e nas pernas, como em *As criadas*, ao mesmo tempo com o rosto escanhado. Cada vez mais olhava para si mesmo e estava satisfeito com o resultado que era o look de um homem-mulher, meio displicente e escrachado. (SANT'ANNA, 2014, p. 146)

Compartilhado uma referência clara ao modo de ser do grupo de teatro Dzi croquettes, emblemático na década de 70 pelo caráter transgressor de seus integrantes, no que diz respeito à escolha por não depilar certas partes do corpo, a personagem Zezé sugere um lugar-corpo possível em que as estruturas de um gênero binário e coerente são abaladas e emerge o híbrido. Embora os dois pólos, enquanto tais, continuem presentes no “homem-mulher”, a aproximação hifenizada possibilita questionar e admitir um modo de ser para além dos dois existentes. Trata-se de uma subjetividade em devir, sendo, por isso, difícil de classificar:

Destacou-se bastante que Zezé se reconhecia não como travesti ou transexual, mas como homem-mulher, e, chamados a dar depoimentos à imprensa, psicólogos e sexólogos afirmaram, em sua maioria, que um homem que gosta de vestir-se de mulher não é propriamente um homossexual, mas alguém que se identifica, no vestuário, com o sexo oposto, que tira prazer disso. [...] Sem força de barra, podia-se chamar o homem-mulher de lésbico, e sua parceira também gostava do híbrido, como se mantivesse relações com um homem e uma mulher ao mesmo tempo. Mas a grande verdade era que a psicologia não tinha opiniões formadas a respeito. (SANT'ANNA, 2014, p. 172-173)

Sant'anna explora com humor a pluralidade de diferenças, no contexto contemporâneo, e a impossibilidade de nomear todas as formas que o desejo pode tomar. Recorre-se a especialistas, ao conhecimento científico, mas a única resposta a qual podemos chegar, em meio a tantas nuances nos modos de ser, é a de que devemos nos manter alertas: o “humano” já não é mais suficiente.

Acerca do “corpo sem órgãos”, Deleuze e Guattari fazem referência a três aspectos que podem ser postos em contraste com o conto em questão: a desarticulação;

a experimentação; e o nomadismo, cujo objetivo é a destruição do organismo, como mencionei anteriormente. Segundo os autores:

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 21)

O homem-mulher, assim como o narrador de *Acenos e afagos*, são sujeitos em constante desfazimento. Embora a morte seja o fim para ambos os sujeitos, por um ato de suicídio e homicídio respectivamente, seus corpos já não eram organismo desde o começo. Eram agentes experimentais em transição corpos sem órgãos, do ponto de vista deleuziano, perpassados por intensidades e linguagens diversas. Nesse sentido, constituem-se como indivíduos *queer*, pois negam um modelo de gênero binário culturalmente construído como natural, ainda que partam dele.

Segundo Jagose, em *Queer theory: an introduction* (1996), o termo *queer* vem sendo usado de modo diferente “às vezes como um termo guarda-chuva para a coalizão de auto-identificações sexuais que são culturalmente marginais e, em outros momentos, para descrever um modelo teórico nascente que se desenvolveu a partir dos estudos tradicionais de gays e lésbicas”⁸ (2010, p. 1). O conjunto dessas reflexões descritas como *queer* utilizam a desnaturalização como uma de suas primeiras estratégias: é necessário um olhar oblíquo aos “gêneros naturais”, pois eles são uma névoa que nos impede de ver além da moldura. Nesse sentido, *queer* sugere um modo diferente de (re)pensar o sujeito ou, em termos deleuzianos, uma forma de desfazer o sujeito enquanto organismo, desarticulá-lo. A literatura, em diálogo com essa perspectiva, constitui-se como parte da cultura, não apenas enquanto produto dela, mas enquanto discurso capaz de questionar certas construções pretensamente incontestáveis. As leituras do romance *Acenos e afagos* e do conto “O homem-mulher II”, empreendidas neste artigo, intentaram refletir sobre a articulação de um pensamento queerificado com a construção das personagens ficcionais e em como elas operam desafios ao gênero em sua expressão binária ao sugerir corpos possíveis e potenciais.

⁸ Original: “sometimes as an umbrella term for a coalition of culturally marginal sexual self-identifications and at other times to describe a nascent theoretical model which has developed out of more traditional lesbian and gay studies”.

Referências

BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

CALVINO, Italo. “Usos políticos certos e errados da literatura”. In: *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. Trad. Roberta Barni. pp. 338-347. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos”. Trad. Aurélio Guerra Neto. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction*. UK: Macmillan, 1994.

HARAWAY, Donna. “A manifesto for cyborgs: science, technology and socialist feminism in the 1980s”. In: *Ufinished business: 20 years of socialist review*. Londo: Verso, 1991.

JAGOSE, Annamarie. *Queer theory: an introduction*. New York: Melbourne University Press, 2010.

NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PRECIADO, Beatriz. “Multidões queer: notas para uma política dos “anormais””. In: *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, 2011.

SANT’ANNA, Sérgio. “O homem-mulher II”. In: *O homem-mulher: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WITTIG, Monique. “Homo sum”. In: *Feminist issues 10*, nº 2, 1990. Disponível em: <
<http://twincitiesqueermasculinity.tumblr.com/post/127187656332/monique-wittig-rare-collection-of-pdf-essays> >.